

JULHO DAS PRETAS: CONSTRUINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE NEGRA EM ESCOLA PÚBLICA DE SALVADOR-BA

Luan Pinto Silva ¹
Lucas dos Santos Barbosa ²
Amanda Margarida Silva Brito ³
Liliane Vasconcelos ⁴

RESUMO

No contexto de celebração do Dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, o Julho das Pretas

foi uma sequência didática aplicada numa escola periférica de Salvador que teve por finalidade a reflexão e promoção de educação emancipatória e crítica. Assim, este trabalho, trata-se de um relato de experiência, apresenta uma prática pedagógica desenvolvida com uma turma de 9º ano, do Colégio Estadual Dinah Gonçalves, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). A abordagem partiu do seguinte questionamento de trabalho: de que maneira a escola pode ser um espaço de fortalecimento da identidade negra? Com base na pergunta, em questão, objetivamos produzir uma atividade artística e cultural com poemas a fim de representar as identidades das mulheres negras. Do ponto de vista teórico, a dinâmica pautou-se nos conceitos de nos multirreferencialidade de Ardoino (1998), e, também, na etnometodologia, com base em Coulon, (1998) conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2017). Os resultados do percurso pedagógico propiciaram uma profícua produção, em sala de aula, evidenciando os papéis políticos e sociais das mulheres negras, o que gerou reflexão e valorização de tais identidades, também das práticas de oralidade e da ancestralidade.

Palavras-chave: Julho das Pretas, Mulheres Negras, Identidade Negra, Escola Pública.

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de formação humana, possui um papel essencial na construção de identidades e no enfrentamento das desigualdades históricas que atravessam a

¹Graduando do Curso de Letras Inglês da Universidade Católica do Salvador - UCSAL, luanpinto.silva@ucsal.edu.br;

²Graduando do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador - UCSAL, lucassantos.barbosa@ucsal.edu.br;

³ Graduada do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador - UCSAL - UCSAL, brito28@gmail.com;

⁴ Doutora Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia- UFBA, liliane.vasconcelos@pro.ufba.br;



sociedade brasileira. Nesse sentido, o Julho das Pretas, comemorado no contexto do Dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, configura-se como uma oportunidade pedagógica para promover reflexões sobre a representatividade, o pertencimento e a valorização das mulheres negras. O presente trabalho, portanto, propõe-se a relatar uma experiência desenvolvida com uma turma do 9º ano do Colégio Estadual Dinah Gonçalves, situado em uma comunidade periférica de Salvador, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

A experiência teve como eixo norteador o questionamento: *De que maneira a escola pode ser um espaço de fortalecimento da identidade negra?* A partir dessa problematização, buscou-se desenvolver uma sequência didática de caráter artístico e cultural, tendo a poesia como meio de expressão e resistência. Fundamentada nos conceitos de multirreferencialidade (Ardoino, 1998), etnometodologia (Coulon, 1998) e escrevivência (Evaristo, 2017), a prática pedagógica procurou promover uma educação crítica e emancipatória, que possibilitasse aos estudantes refletirem sobre o papel social e político das mulheres negras em suas trajetórias e na sociedade.

Mais do que uma atividade escolar, o projeto constituiu-se como um espaço de fala, escuta e criação, valorizando as práticas de oralidade, ancestralidade e reconhecimento das identidades negras, especialmente das mulheres. Assim, este artigo apresenta o percurso e os resultados dessa experiência, discutindo suas contribuições para o fortalecimento da identidade e da consciência crítica no ambiente escolar.

METODOLOGIA

A metodologia adotada seguiu uma sequência didática organizada em etapas, com o intuito de promover a reflexão crítica e a valorização da identidade negra por meio de práticas artístico-culturais. Inicialmente, foi realizada uma conversa introdutória com os estudantes sobre o Dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, discutindo o contexto histórico da data e a relevância das lutas e conquistas das mulheres negras na sociedade. Em seguida, os alunos participaram de rodas de diálogo mediadas por vídeos, poemas e músicas, que serviram como disparadores para reflexões sobre identidade, ancestralidade e representatividade.

Na segunda etapa, os estudantes receberam cartões de atividade com palavras, expressões e imagens relacionadas ao universo feminino negro. Esses cartões funcionaram como gatilhos



criativos para a elaboração de poemas autorais, inspirados no conceito de escrevivência proposto por Conceição Evaristo (2017), entendido como o ato de escrever a partir das vivências e memórias coletivas de mulheres negras.

O processo de escrita foi desenvolvido de forma colaborativa, com momentos de orientação e socialização, em que os alunos puderam compartilhar seus textos e refletir sobre suas produções à luz das discussões realizadas. Essa dinâmica baseou-se nos pressupostos da multirreferencialidade (Ardoino, 1998) e da etnometodologia (Coulon, 1998), que valorizam o conhecimento construído a partir da experiência, das práticas sociais e da pluralidade de olhares.

Ao final, as produções poéticas foram reunidas e apresentadas em uma exposição coletiva, promovendo um espaço de reconhecimento e valorização das vozes negras presentes no ambiente escolar. Todo o processo foi acompanhado por registros em diário de campo, observações e reflexões das bolsistas do PIBID, que subsidiaram a análise e a sistematização da experiência aqui relatada.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa busca fundamentar as reflexões e práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto do Julho das Pretas, articulando os conceitos de multirreferencialidade, etnometodologia e escrevivência como eixos norteadores de uma educação crítica, e sensível às questões identitárias e culturais. Esses aportes teóricos contribuíram para sustentar o percurso metodológico e o olhar sobre as experiências vividas pelos estudantes, permitindo compreender a escola como espaço plural de construção de saberes e de valorização das identidades negras.

Partindo das ideias de Ardoino (1998), o conceito de multirreferencialidade propõe uma leitura complexa e integrada da realidade educacional. Tal perspectiva considera que os fenômenos pedagógicos não podem ser compreendidos a partir de um único ponto de vista, mas exigem múltiplas referências culturais, sociais, históricas e simbólicas para que se alcance uma compreensão mais ampla e significativa.

Assim, ao abordar o tema da identidade negra na escola, a multirreferencialidade “A multirreferencialidade” surge de uma reflexão sobre a prática, é uma abordagem que assume plenamente a hipótese da complexidade do real, mas de forma diferenciada da inter/transdisciplinaridade. A multirreferencialidade não pretende ser uma integração (soma) de conhecimentos; ao contrário, postula o luto do saber total, posto que quanto mais se



conhece, mais se cria áreas de não-saber. Quanto maior é a área iluminada, maior será a área de sombra.”

(ARDOINO, 1998, p.48). permite que diferentes vozes, saberes e experiências sejam reconhecidos como legítimos e indispensáveis ao processo de ensino e aprendizagem. Em diálogo com essa perspectiva, a etnometodologia “A etnometodologia propõe abandonar a familiaridade que nos prende à relação, prestando atenção à ameaça epistemológica que consiste em nos identificarmos completamente com os membros.” (COULON, 1995, p. 76) , conforme delineada por Coulon (1998), oferece um aporte teórico que valoriza a observação e a interpretação das práticas cotidianas dos sujeitos. Ao reconhecer a escola como um espaço social dinâmico, a etnometodologia possibilita compreender como os significados são produzidos e negociados no interior das interações escolares. No contexto do projeto desenvolvido, essa abordagem auxiliou na escuta atenta das expressões e narrativas dos estudantes, favorecendo uma leitura mais sensível e situada das suas construções identitárias e culturais.

Por sua vez, o conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo define o conceito afirmando que “escrevivência é a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, das dores e das alegrias. É a escrita que vem das vivências e, por isso, carrega a marca do vivido” (EVARISTO, 2017 p. 20). , constitui um dos pilares centrais deste trabalho. A autora propõe a escrita como ato político e de resistência, que emerge das vivências e memórias coletivas das mulheres negras. Ao ser incorporado à prática pedagógica, o conceito de escrevivência amplia o horizonte de possibilidades da escrita escolar, transformando-a em instrumento de autoconhecimento, valorização da ancestralidade e afirmação de identidades. No caso dos estudantes participantes, a escrita poética inspirada na escrevivência representou uma forma de expressão legítima e afetiva, em que o eu individual dialoga com o coletivo e o histórico. Dessa forma, a combinação desses três referenciais teóricos permitiu a construção de uma prática educativa que reconhece a pluralidade de saberes, valoriza as experiências cotidianas e promove o protagonismo das vozes negras no espaço escolar. Ao articular teoria e prática, a experiência relatada neste artigo reforça o compromisso com uma educação antirracista, decolonial e transformadora, que comprehende o conhecimento como construção coletiva e situada socialmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os resultados obtidos a partir da sequência didática do *Julho das Pretas* foram sistematizados em três categorias analíticas principais, que emergiram das observações, dos registros e das produções poéticas realizadas pelos estudantes:

1. (Re)conhecimento da identidade negra;
2. A escrita como instrumento de resistência e expressão;
3. Valorização da ancestralidade e das vozes femininas negras.

Essas categorias refletem as dimensões centrais do processo pedagógico e as transformações observadas ao longo da experiência.

1. (Re)conhecimento da identidade negra

A primeira categoria evidencia o movimento de autopercepção e valorização da identidade racial por parte dos estudantes. A partir das discussões e dos materiais apresentados nas rodas de conversa, observou-se uma ampliação na compreensão dos alunos sobre o papel da mulher negra na história e na sociedade. Muitos estudantes passaram a se reconhecer como sujeitos pertencentes a uma cultura afro-brasileira rica e diversa, rompendo com estereótipos e discursos de invisibilidade. Esse processo dialoga com o conceito de multirreferencialidade (Ardoino, 1998), ao permitir que diferentes saberes escolares, culturais e comunitários fossem integrados e reconhecidos no espaço educativo. A pluralidade de experiências trouxe para a sala de aula um ambiente mais democrático e afetivo, no qual o conhecimento foi construído de maneira coletiva e contextualizada.

2. A escrita como instrumento de resistência e expressão

A segunda categoria diz respeito à produção dos poemas, que se revelou um espaço potente de escrevivência (Evaristo, 2017). A partir dos cartões de atividades, os estudantes criaram textos poéticos que expressavam sentimentos de pertencimento, resistência e empoderamento. Nas produções, destacaram-se temas como a luta contra o racismo, o orgulho da pele negra, a força das mulheres da comunidade e a importância da ancestralidade.

A escrita poética assumiu, assim, uma função política e formativa: os alunos transformaram suas vivências em arte e linguagem. Essa prática reforçou o papel da escola como território de escuta e representação, em que as vozes historicamente silenciadas puderam emergir e ser legitimadas. Tais resultados demonstram a potência da escrevivência como estratégia pedagógica de valorização da subjetividade e da memória coletiva.

3. Valorização da ancestralidade e das vozes femininas negras

A terceira categoria refere-se à ressignificação das figuras femininas negras no imaginário dos estudantes. Ao longo do projeto, as discussões e produções poéticas trouxeram à tona o reconhecimento de mulheres negras como símbolos de resistência, sabedoria e amor

comunitário. A presença da ancestralidade foi evocada tanto nas falas quanto nos textos dos alunos, revelando a influência das memórias familiares e das referências culturais herdadas.

Sob a ótica da etnometodologia (Coulon, 1998), esses achados demonstram como os significados são construídos a partir das práticas e interações cotidianas. As atividades possibilitaram observar a dinâmica da sala de aula como um microcosmo social, em que os alunos constroem sentidos sobre si mesmos e sobre o mundo, reafirmando a importância de uma pedagogia que reconheça as experiências vividas como fonte legítima de conhecimento.

Síntese dos resultados

De modo geral, a sequência didática do Julho das Pretas contribuiu significativamente para o fortalecimento da identidade negra, a ampliação da consciência crítica e o engajamento dos estudantes em práticas culturais e poéticas. A atividade possibilitou que a escola se consolidasse como um espaço de educação antirracista e decolonial, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004).

A integração entre teoria e prática, sustentada pelos referenciais de Ardoino, Coulon e Evaristo, mostrou-se eficaz para construir uma aprendizagem significativa, em que os alunos se reconhecem como produtores de cultura e de conhecimento. Os resultados apontam, portanto, para a relevância de se investir em práticas pedagógicas que promovam o protagonismo estudantil e o reconhecimento das múltiplas identidades que compõem o espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho evidenciou que o Julho das Pretas, enquanto proposta pedagógica, constitui-se como uma prática significativa de educação emancipatória, crítica e antirracista. Ao articular teoria e prática em torno da valorização da identidade negra e da representatividade das mulheres negras, o projeto reafirmou a importância da escola como um espaço de resistência, de produção de saberes e de construção de novas narrativas. Os resultados obtidos demonstraram que, quando o ambiente escolar se abre ao diálogo com as experiências e vivências dos estudantes, torna-se possível promover o reconhecimento de identidades, a valorização da ancestralidade e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. As produções poéticas e reflexões geradas durante a sequência didática revelaram a potência da escrita como ferramenta de expressão e resistência em especial,



quando inspirada na escrevivência, conceito de Conceição Evaristo (2017), que ressignifica o ato de escrever como uma prática política e coletiva.

IX Seminário Nacional do PIBID

A partir das contribuições teóricas de Ardoino (1998) e Coulon (1998), foi possível compreender que o fazer pedagógico é, essencialmente, um processo multirreferencial e etnometodológico, que se constrói na diversidade e nas interações sociais cotidianas. Assim, a experiência aqui descrita reforça a necessidade de repensar as práticas docentes, reconhecendo o potencial transformador das ações educativas que dialogam com as realidades e histórias dos sujeitos envolvidos.

Do ponto de vista científico e formativo, esta pesquisa contribui para o campo da formação docente e das práticas de educação das relações étnico-raciais, evidenciando a relevância de iniciativas que aproximem o currículo escolar das dimensões socioculturais dos estudantes. Po *Julho das Pretas* reafirma que a escola pode e deve ser um espaço de potência, acolhimento e transformação social, em que o conhecimento se constrói a partir do encontro entre saberes, memórias e afetos. Tal prática pedagógica, além de promover a representatividade, contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua história e capazes de intervir na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio, incentivo e partilha de muitas pessoas que caminharam comigo neste percurso de formação e descoberta.

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, professora Liliane Vasconcelos, pela confiança, pelo incentivo constante e por acreditar em meu potencial, mesmo nos momentos de incerteza. Sua orientação cuidadosa e inspiradora foi essencial para que esta pesquisa ganhasse forma e sentido.

À professora Amanda, minha parceira na construção e execução deste projeto na escola e que, um dia, também foi minha professora, deixo minha profunda gratidão pela escuta, pela troca e pela sensibilidade com que acolheu cada etapa deste trabalho.

Agradeço também a Lucas, pela parceria e pela partilha generosa deste processo de pesquisa, pelos diálogos, pelas reflexões e pela presença constante que tornaram esta experiência mais leve e significativa.

Este trabalho é, igualmente, fruto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que se configura como um espaço fundamental de formação docente, de vivência prática e de construção de uma educação comprometida com a transformação social. O PIBID





possibilitou que a teoria se encontrasse com a realidade da escola pública, fortalecendo em mim o desejo de ser educador e reafirmando o poder coletivo do trabalho docente.

Por fim, evoco as palavras de Emicida, na canção *Principia*, quando diz que “*tudo que nós tem é nós*”. Essa frase traduz o sentimento de afeto, acolhimento e coletividade que atravessou todo este percurso. Este trabalho nasceu e se sustentou na força do encontro, na partilha de sonhos e na certeza de que o conhecimento se constrói de forma colaborativa, com o outro e para o outro.

REFERÊNCIAS

- ARDOINO, J. **Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas.** In: BARBOSA, J. G. (org.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 24–41.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Brasília: MEC/CNE, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2025.
- COULON, A. **A etnometodologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- EVARISTO, C. **Olhos d’água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EMICIDA. *Principia*. In: *AmarElo* [álbum]. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Faixa 1. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/1EphclU8Y9TZF2Zr7B2P8k>. Acesso em: 10 out. 2025.